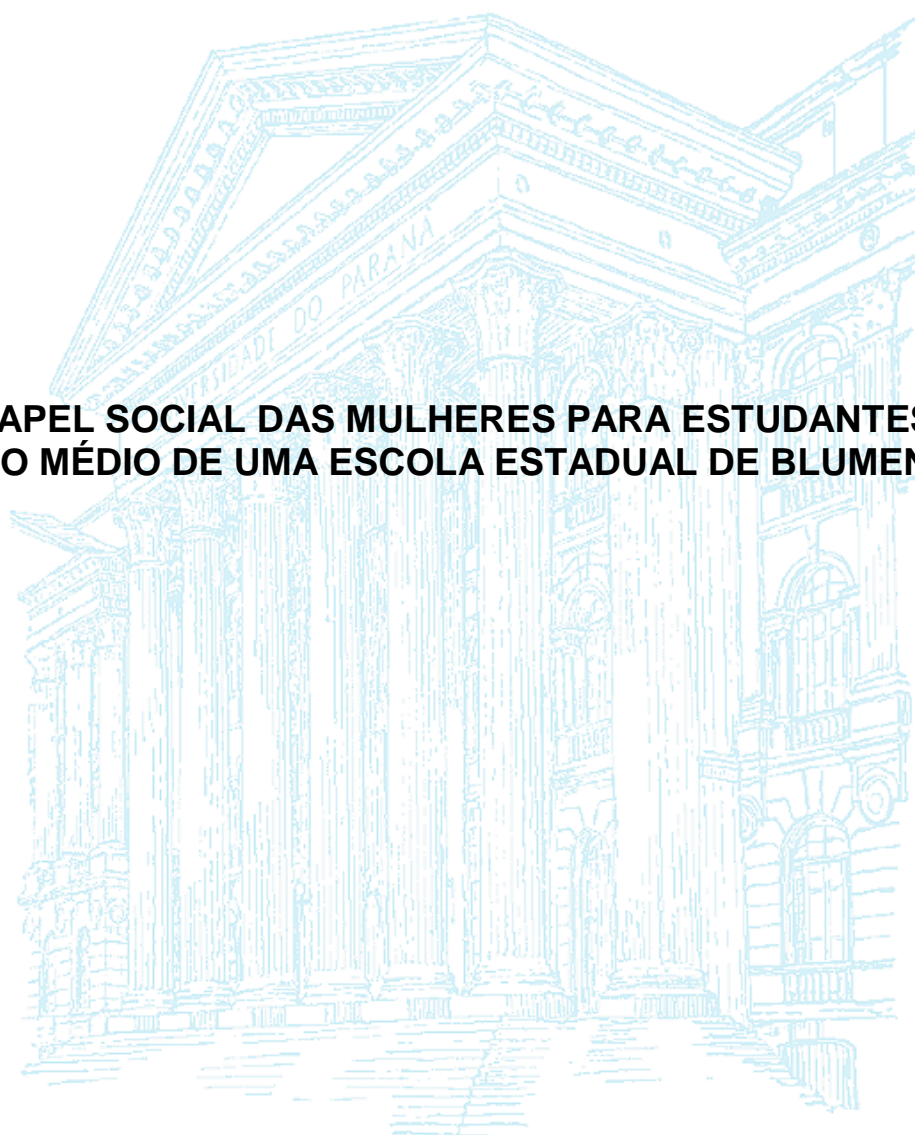


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA PAULA MATEI

**O PAPEL SOCIAL DAS MULHERES PARA ESTUDANTES DO
ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE BLUMENAU/SC**



BLUMENAU
2016

ANA PAULA MATEI

**O PAPEL SOCIAL DAS MULHERES PARA ESTUDANTES DO
ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE BLUMENAU/SC**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^a. Mônica Weiler Ceccato

BLUMENAU
2016

O PAPEL SOCIAL DAS MULHERES PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE BLUMENAU/SC

Ana Paula Matei¹; Mônica Weiler Ceccato²

¹ Licenciada em Física e Especialista em Ensino de Ciências (IFSC); E-mail:

anapaula.ifsc@gmail.com

² Docente da Universidade Regional de Blumenau (FURB) E-mail: monicaweilerceccato@gmail.com

Resumo: O objetivo principal deste estudo é compreender qual a concepção do papel social das mulheres para estudantes do Magistério de uma escola estadual de Blumenau/SC. Trata-se de um estudo exploratório realizado nos moldes de pesquisa-ação com uma turma de magistério formada por mulheres com idade entre dezessete e cinquenta e sete anos. As temáticas norteadoras foram o papel social da mulher e do homem, diferenças na educação e criação entre meninos e meninas, divisão das tarefas domésticas e igualdade de gênero. Ao debruçar-se sobre o tema percebe-se que as desigualdades de gênero foram socialmente construídas e fortalecidas com base, historicamente, na diferença de papéis sociais atribuídos aos homens e mulheres. Portanto, entender esse processo é resgatar os motivos das desigualdades que ainda ocorrem entre homens e mulheres em diversos âmbitos tais qual salarial, representação política, como também a representatividade de mulheres na ciência e nos diversos setores da sociedade. Constatou-se que a igualdade entre os gêneros não é uma realidade para essa turma, no que tange papel social e divisão de tarefas domésticas, que ainda em sua maioria, fica a encargo da mulher. Neste aspecto, o estudo de gênero como tema transversal deve ser mais fortalecido e desenvolvido nas escolas a fim de minimizar as diferenças sociais estabelecidas pelo sexo. Vale salientar que esta pesquisa foi realizada em uma localidade de cultura predominantemente germânica, com características tradicionais e conservadoras em alguns aspectos relacionados às tarefas domésticas.

Palavras-chave: Temas Transversais; Gênero; Tarefas Domésticas; Papel Social.

Abstract: The aim of this study is to understand what the concept of the social role of women to students of the Magisterium of a state school of Blumenau / SC. This is an exploratory study in action research mold with a teaching class consists of women aged between five fifty-seven p.m. years. The guiding themes were the social role of women and men, differences in education and upbringing of boys and girls, division of household chores and gender equality. To look into the subject one realizes that gender inequalities are socially constructed and strengthened based historically on the difference in social roles assigned to men and women. So understand this process is to rescue the reasons for inequalities that still occur between men and women in various fields such salary which, political representation, as well as the representation of women in science and in the various sectors of society. It was found that gender equality is not a reality for this class, regarding social role and division of household chores, which still mostly is the burden of women. In this respect, the study of gender as a cross-cutting issue should be strengthened and developed in schools in order to minimize social differences established by sex. It is

noteworthy that this study was conducted in a predominantly German culture locale with traditional and conservative features in some aspects related to household chores.

INTRODUÇÃO

A partir de uma leitura de mundo em que se mantém historicamente a divisão de tarefas/atividades entre homens e mulheres, construiu-se socialmente e ainda se conserva em determinadas culturas e locais a separação dos papéis e funções sociais esperadas em cada sexo.

Assim sendo, no entendimento de Melo; Considera e Sabbato (2007) se percebe que é definida socialmente no ser humano, uma identidade na qual os papéis sociais vão sendo vinculados e determinados diferentemente para homens e mulheres.

O papel feminino assentado na reprodução biológica, com ênfase na maternidade e na realização de afazeres domésticos, definiu o lugar da mulher na esfera privada e, seu contraponto, o papel masculino no exercício do poder econômico na esfera pública. Essa dicotomia entre os papéis masculino e feminino, embora esteja traçada ao longo dos séculos nos seus aspectos fundamentais, e consagrada numa relativa divisão sexual do trabalho, tem variado bastante ao longo da história da humanidade. (MELO; CONSIDERA; SABBATO, 2007, p. 436).

Por papéis sociais, pode-se entender analogicamente como uma representação de um personagem, ou seja, para o sexo biológico feminino é esperado uma determinada representação (ação) e para o masculino outra. Cotidianamente escuta-se “isso é coisa de mulher”, ou “isso é típico de homem”. Mas os papéis sociais podem ser diferentes, dependendo da cultura em que são situados. A partir dessas relações estabelecidas são definidas, também, socialmente, as características do ser feminino ou ser masculino, para Souza - Lobo (1991, p. 11) “entre homens e mulheres são vividas e pensadas enquanto relações entre o que é definido como masculino e feminino: os gêneros.” Assim sendo, percebe-se que é determinada socialmente no ser humano, uma identidade na qual os papéis vão sendo vinculados e entendidos primordialmente pelo sexo biológico.

Na história da construção da sociedade, de acordo com a particularidade de cada cultura houve diferenças nos papéis sociais do homem e da mulher. Mas de maneira predominante, a mulher na sociedade sempre herdou o papel de cuidadora e submissa.

A partir desse cenário em que a forma de organização recusa a possibilidade de igualdade entre os sexos, começou a surgir um movimento de reivindicação dos direitos das mulheres que foi chamado posteriormente de feminismo.

Os estudos de gênero se desenvolveram a partir dos movimentos feministas. Existem vários autores e autoras (GROSSI, 1998; COSTA, A.; BRUSCHINI, C.; SOUZA-LOBO, 1991), que conceituam gênero, dentro de suas áreas de estudo e atuação.

Joan Scott, que situa gênero como um elemento constituído de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder (SCOTT, 1995, p.21).

“A equidade de gênero diferencia sexo - o status biológico de ser homem ou mulher - daquilo que são os atributos socialmente construídos nas relações entre eles. Leva em conta o fato de que homens e mulheres, na vida social e nos processos de trabalho e de criação de riqueza, têm papéis específicos. Gênero, portanto, é a dimensão das relações entre os sexos, definidora de comportamentos sociais e de formas de relações diferenciadas no âmbito da família, do trabalho e da comunidade. Por isso, gênero pode ser considerado uma variável política e socioeconômica por meio da qual se podem analisar papéis, responsabilidades, contradições e dificuldades entre homens e mulheres. O enfoque de gênero valoriza diferencialmente a colaboração de ambos os sexos na configuração e na solução dos problemas” (GOMÉZ, MINAYO, 2006).

Diante dessas relações de poder historicamente construída e naturalizada, ocorre a definição de papéis e representações sociais. Conforme Moscovici (apud MORIGI, 2004, p. 5) “as representações sociais são [...] fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto realidade quanto senso comum”.

Neste sentido, para desconstruir esses estereótipos é necessária a reflexão de jovens sobre essa temática, para promoção da igualdade de gênero. O espaço escolar é um ambiente que se constrói e se solidifica questões, opiniões, assim como pode desconstruir algumas crenças e preconceitos. Assim sendo, a escola tem uma função muito importante como formadora de sujeitos da sociedade.

Portanto, refletir sobre algumas situações de igualdade de gênero pode diminuir o preconceito e a violência contra mulheres na sociedade, modificando a forma patriarcal de se pensar e agir. Os processos que incentivam a diversidade e aumentam a participação social e o controle sobre o meio ambiente têm importância decisiva na articulação de projetos para expandir a autonomia nacional e distribuir, mais equitativamente, os frutos do desenvolvimento econômico (MAX-NEEF, 2012).

Assim, todos os atores sociais devem sentir-se responsabilizados pelo enfrentamento das necessidades associadas da sociedade, através de uma democracia social ou uma democracia do cotidiano.

Neste sentido, esta proposta didática visa a problematização e reflexão acerca de algumas representações sociais de origem patriarcal e que direciona a mulher para determinadas atribuições profissionais e pessoais. Um exemplo prático é sobre a divisão das tarefas domésticas, que é “obrigação” da mulher manter a casa limpa e organizada e cuidar das crianças. Desta forma cabe perguntar: Qual a concepção do papel social das mulheres para estudantes do Magistério de uma escola estadual de Blumenau/SC?

OBJETIVO GERAL

- Analisar qual a concepção do papel social das mulheres para estudantes do Magistério de uma escola estadual de Blumenau/SC.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Promover ações educativas que favoreçam a discussão com estudantes sobre o papel social da mulher.
- Discutir questões sobre igualdade de gênero.
- Analisar os discursos de estudantes sobre a condição social da mulher.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa-ação de cunho qualitativo, que foi realizada por meio de uma ação didática, para isso é importante “*Conhecer os termos estruturantes das pesquisas qualitativas. Sua matéria prima é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação.*” (MINAYO, 2011, p. 622)

A amostra pesquisada é de estudantes do magistério com idade entre dezessete e cinquenta e sete anos, de uma escola estadual de Blumenau/SC. Os caminhos metodológicos envolvem um grupo focal com questões norteadoras direcionadas para as estudantes a fim de coletar e analisar opiniões, sentimentos e informações sobre a concepção das alunas quanto a divisão das tarefas domésticas. Houve também explanação de dados estatísticos do Brasil com relação à mulher,

tais como escolarização, profissão/mercado de trabalho, estupro e violência doméstica, entre outros pertinentes a temática. Como se trata de entender essas relações sociais empregou-se fundamentação na pesquisa qualitativa, que busca explorar ideias, sentimentos e opiniões.

A coleta de dados foi organizada em três momentos:

- Grupo focal com questões norteadoras.
- Apresentação de dados e indicadores (IBGE, ONU, entre outros) referentes a condição da mulher, estudo, remuneração, profissão, tarefas domésticas.
- Mesa redonda para discussão e análise dos dados apresentados.

Para embasar teoricamente esse trabalho, como teórica dos estudos de gênero será referenciada entre outros/as Joan Scott (1995) e Souza-Lobo (1991).

No âmbito desta pesquisa, faz-se relevante utilizar-se o grupo focal como técnica para coleta de dados, para que se tivesse um panorama geral das ideias do grupo e também como forma de propiciar o debate e reflexão sobre a temática. O grupo focal conteve algumas questões norteadoras para guiar a discussão acerca da temática, para isso, utilizou-se o projetor multimídia para apresentação de *Power Point* com os tópicos debatidos apresentados a seguir: Papel Social – Homem e Mulher; Profissões “Masculinas” e “Femininas”, Divisão das Tarefas Domésticas.

O grupo focal foi organizado e estruturado a fim de coletar os dados necessários para responder aos objetivos da pesquisa. Para Silva et. al. “[...] pode-se optar pelo emprego de algumas estratégias: formulação de uma pergunta central, acompanhada de itens que durante a aplicação da técnica podem ajudar na condução do tema” (2013, p. 403). A opção por desenvolver um grupo focal é para aproveitar o tempo, já que as perguntas e respostas são apresentadas e discutidas coletivamente, mas cada uma pode expressar suas opiniões.

A presente pesquisa contou, também, com aplicação de questionário individual na coleta de dados, de modo a propiciar que cada estudante expresse seu pensamento quanto ao tema da pesquisa, sem a interferência direta de outras pessoas. Na elaboração do questionário, teve-se a preocupação de não identificar por nome os (as) estudantes, para que estes (as), respondessem da maneira mais à vontade possível. De qualquer modo, entende-se que as respostas não são neutras, uma vez que a pesquisa é realizada em sala de aula, em horário de atividade pedagógica e, por isso os estudantes sentem certa obrigatoriedade em responder a

atividade que é permeada por uma relação de poder pedagógico instalado na atividade escolar.

A coleta de dados por meio de questionário denota que mensurar informações de natureza qualitativa, facilita a interpretação e análise das respostas de um grupo maior de pesquisados (as), que podem se sentir mais a vontade ao se expressar de maneira individual e sigilosa, com isso, a chance de conseguir confiabilidade dos resultados torna-se maior.

Cabe ressaltar que por se tratar de cunho qualitativo, nos momentos de investigação foi essencial buscar compreender os sentimentos e opiniões envolvidos, pois conforme salienta Minayo (2011) sobre a análise deste tipo de pesquisa:

O percurso analítico e sistemático, portanto, tem o sentido de tornar possível a objetivação de um tipo de conhecimento que tem como matéria prima opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade. Desta forma, a análise qualitativa de um objeto de investigação concretiza a possibilidade de construção de conhecimento e possui todos os requisitos e instrumentos para ser considerada e valorizada como um construto científico. (ibidem, p. 626)

Diante desses aspectos, a análise que segue no próximo item, aponta a assimilação e reflexão por parte da amostra pesquisada diante da metodologia desenvolvida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do grupo focal, com questões norteadoras direcionadas a respeito da diferença entre gêneros, foram selecionadas categorias de análise para melhor compreensão. Assim sendo, os itens são:

- Diferenças entre meninos e meninas (criação, tarefas, expectativas).
- Representação do papel social do homem e da mulher.
- Responsabilidade das Tarefas domésticas.

Antes de iniciar a análise dos dados, é importante esclarecer quem são essas mulheres pesquisadas, suas profissões, suas características e personalidades. O grupo pesquisado é uma turma só com mulheres do 4º ano Magistério que se formam/habilitam ao final desse ano para trabalhar com educação infantil e séries iniciais. Deste modo, como esse curso iniciou no ano anterior, todas se conhece há quase dois anos, esse foi um aspecto que facilitou na pesquisa, pois não foi percebido nenhum tipo de inibição ou constrangimento durante as respostas e participações.

A idade dessas mulheres foi um fator importante para se verificar diferentes reações e discursos, pois variaram entre dezessete e cinquenta e sete anos, as ocupações variam entre professoras de Centro de Educação Infantil (CEI), dona de casa, estudantes, vendedora e desempregadas.

Diferenças entre meninos e meninas (criação, tarefas, expectativas)

Com relação a diferença na criação/brincadeiras/tarefas entre meninos e meninas, houve uma divisão de opiniões: por um lado algumas professoras de CEI relataram que não permitem no seu ambiente de trabalho distinções nas brincadeiras e atividades. Conforme a **Estudante A**: *“na hora de brincar de boneca, todos e todas brincam e no momento de brincar de carrinho a mesma situação.”* Porém ela relatou que um aluno, uma vez questionou e inclusive a mãe dele veio conversar sobre isso: que boneca seria brinquedo de menina e não achava correto seu filho participar dessa atividade. Mas segundo relato, após uma conversa, essa mãe entendeu que não deveria haver diferenciação de brincadeiras entre meninos e meninas, pois assim se trabalha a igualdade de gênero.

Outra pesquisada relatou que é divorciada e cria seu filho de nove anos, sozinha. Mas lhe atribui tarefas domésticas para compreender que deve participar dessas atividades. Contou também que sempre explica ao seu filho que se devem respeitar meninas e mulheres.

Já para duas pesquisadas, que moram com os pais e irmãos existe sim diferenciação na criação dos filhos. Para ambas, que tem irmãos adolescentes (entre onze e quatorze anos) as tarefas domésticas “sobram” mais para elas. O irmão não quer fazer ou faz reclamando e pedindo algo em troca. Quando questionada a opinião do pai e da mãe: *“minha mãe diz que já está cansada de pedir! Mas quando, eventualmente, meu pai manda ele faz porque tem muito medo/respeito.”*

Neste caso o que se pode analisar é que ainda está naturalizado que as tarefas domésticas são funções para as “mulheres da casa”, e que quando o homem/menino faz é porque está “ajudando”. Isso ficou muito claro na discussão, de modo geral os meninos fazem se tiver alguém solicitando.

Representação do papel social do homem e da mulher e a Responsabilidade das Tarefas domésticas

Nos questionamentos referentes ao papel do homem e papel da mulher na sociedade elas analisam e expõem que ainda em 2015, apesar de a mulher exercer uma profissão externa, a casa e os filhos ainda são sua responsabilidade. Foi muito percebida na fala delas o termo “ajuda” ao se referir a participação do homem nas tarefas domésticas: “- *Mas ele me ajuda quando eu peço.*”

A pesquisada de cinquenta e sete anos, que se apresentou como dona de casa refletiu: “- *Professora, eu nunca tinha parado para pensar, mas eu sempre digo ao meu marido “obrigada por passar as roupas para mim”, mas na verdade a pilha de camisas que ele passa, às vezes, são dele mesmo!*”. Ou seja, percebeu-se que para qualquer atividade que o homem faz em casa, mesmo que seja pouca coisa e exceção, é sempre motivo para mulher agradecer essa “gentiliza” por parte dele.

Outra mulher, de vinte e cinco anos, casada há quatro anos, com filho de quatro meses se emociona ao relatar que na sua casa todas as tarefas domésticas ficam por sua conta, e que já está cansada disso. Mas segundo ela, ambos são de família com origem alemã, conservadores e tradicionais quanto a isso, sendo assim, ela foi criada para cuidar da casa e dos filhos.

Em relato sobre a temática uma estudante expressa:

Estudante A: “*O que eu entendi é que desde que nascemos, somos ensinados o que podemos ou não podemos fazer de acordo com nosso gênero. O doutrinamento de gênero começa com as cores dos enxovais, os brinquedos que ganhamos de presente e o tipo de roupa que nossos pais nos dão para vestir.*”

Com relação aos papéis sociais, duas estudantes conceituam a partir de suas diferentes experiências de vida:

Estudante B: “*Papel social é um conjunto de comportamentos onde os padrões e o gênero interfere nos grupos sociais. A mulher está conquistando seu espaço a passos de tartaruga. O papel do homem dentro da sociedade ainda é destaque, o homem ainda domina e prevalecem suas opiniões e seus direitos.*”

Estudante C: “*A desigualdade de gênero está muito presente, ainda hoje, pois ainda existem pessoas que delimitam o que a mulher deve e não deve fazer e o que o homem pode fazer isso já gera o papel social na sociedade de ambos os sexos. Os pais já incluem esse pensamento machista nos filhos desde cedo, dizendo coisas como brincar de boneca é coisa de menina e que o papel de cuidar da casa e dos filhos é da mulher.*”

A partir dessas expressões é possível identificar que surgiu uma inquietação a partir do trabalho desenvolvido. No grupo focal, com questões norteadoras (provocativas) essas mulheres se deram conta de que a desigualdade de gênero é

um fator gritante em suas casas, apenas 13% considera que existe divisão de tarefas domésticas nas suas relações, isso representa duas dentre quinze pesquisadas. Mas o que se evidenciou é que até o momento desta intervenção, essa situação era tida como “normal”, apesar de que como disse uma **Estudante D** “*Eu trabalho e estudo e meu marido só trabalha*”, alertando para o fato que ela tem menos tempo em casa, mesmo assim, as tarefas domésticas são de sua responsabilidade.

Mas para mudar esse cenário as estudantes esclarecem que os pais devem ser responsáveis pela educação igualitária entre meninos e meninas. Conforme a **Estudante D**: “*Para ser um cidadão participativo e colaborador a criança deve ser educada sem diferenças e com igualdade de direitos e deveres. Para isto mudar os pais devem ensinar e educar seus filhos desde pequenos.*”. Essa fala corrobora com outra análise da **Estudante E**: “*Acredito que ninguém ou a maioria dos homens não dividem as tarefas de casa, pois são machistas que vem também da criação e temos que mudar isso.*”.

Assim sendo, pela análise das argumentações e opiniões, pode-se perceber que os objetivos esperados com essa pesquisa-ação foram satisfatoriamente atingidos. Pois além de analisar a concepção dessas mulheres quanto ao papel social, foi promovida a discussão e reflexão acerca das questões de gênero tão importantes para melhorar a condição da mulher e da igualdade de gênero.

De todo modo, a questão evidente é que determinadas imposições sociais fortalecem a desigualdade de gênero e condição de que nem mulheres nem homens são livres perante as imposições da sociedade. Para Edgar Morin (MORIN, 1999),

[...] toda consideração objetiva sobre nossa condição parece reduzir a liberdade a uma ilusão subjetiva. Sofremos as restrições do meio ao qual devemos nos adaptar; estamos sujeitados por nosso patrimônio genético, que gerou e conserva nossa anatomia, fisiologia, nosso cérebro e, portanto, a possibilidade de inteligência e consciência; estamos sujeitados pela cultura, que inscreve em nossa mente, desde o nascimento, normas, tabus, mitos, ideias, crenças; estamos submetidos à sociedade, que nos impõe leis e proibições; somos até mesmo possuídos por nossas ideias, que tomam posse de nós quando achamos que as temos à nossa disposição. Dessa maneira, somos ecologicamente dependentes e, do mesmo modo sujeitados socialmente, cultural e intelectualmente. Como são possíveis liberdades, se estamos submetidos por todos os lados? (p.157)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados obtidos, reforça-se a necessidade de desenvolver de forma mais intensa nas escolas os estudos de gênero como temática

transdisciplinar. E desta maneira de alguma forma, contribuir para amenizar as diferenças e desigualdades de gênero, que estabelece distinção nos papéis sociais.

O que foi relatado neste pequeno grupo de mulheres é muito provável que se repita em várias famílias e situações. As tarefas domésticas ainda, infelizmente, são vistas como responsabilidade das “mulheres da casa”, ficando aos homens a condição de eventualmente “ajudar” nesses afazeres.

Discutir igualdades de gênero fortalece também a reflexão acerca da violência doméstica, respeito, direitos e salários iguais, papel social. Essa intervenção pode ser aplicada em todos os níveis de ensino, com suas devidas adaptações. A temática é transversal, deste modo, desde o ensino fundamental até o ensino superior deve-se discutir gênero. Uma vez que desde criança, conforme a perspectiva de Vygotsky (1991), a criança se constrói e se identifica a partir de interações sociais e com o ambiente, todas as vivências sociais e escolares se tornam muito marcantes e significativas para ela.

Os dados apresentados neste trabalho corroboram com os índices apresentados pelos institutos de pesquisa oficiais e acadêmicos. Para exemplificar segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), as mulheres fazem quase **duas vezes e meia** mais trabalho doméstico e de cuidados de outras pessoas não remunerados do que os homens.

A mensagem que esta pesquisa procura deixar para o (a) leitor (a) é que nas suas diferentes profissões e localidades, atuem como agentes de mudança social, promovendo a reflexão sobre a igualdade de gênero no seu meio social. Se cada pessoa, seja na criação dos (as) crianças, na família, no ambiente de trabalho, nas diversas relações sócias, fortificar a necessidade da equidade dos papéis sociais, o mundo aos poucos será um lugar melhor para todos e todas.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a generosa e agradável participação das alunas do magistério, que confienciaram suas situações, sentimentos e angústias referentes às suas concepções do atual papel da mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GROSSI, M. P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 1-18, 1998. (*versão revisada - 2010*)

MELO, H. P. de.; CONSIDERA, C. M.; SABBATO, A. Di. Os afazeres domésticos contam. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, dez. 2007.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Mar 2012, vol.17, n.3, p.621-626. ISSN 1413-8123. Disponível em <http://www.scielo.org/pdf/csc/v17n3/v17n3a07.pdf> Acesso em 16 nov. de 2015.

MORIGI, V. J. **Teoria Social e Comunicação: Representações Sociais, Produção De Sentidos E Construção Dos Imaginários Midiáticos**. Disponível em <http://www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em 05 maio de 2014.

MORIN, E. **Antropologia da Liberdade**. Tradução de Anthropologie de la Liberté, GRASCE Entre Systémique et Complexité, Chemin Faisant Mécanges [cf.] en l'Honneur du Professor Jean-Louis Le Moigne. Paris: Presses Universitaires de France, 1999, p. 157-170. Disponível em <http://www.palasathena.org.br/arquivos/conteudos/Antropologia_da_liberdade_Edgar_Morin.pdf> Acesso em 24 nov. 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Grupo de Gestão do Meio Ambiente das Nações Unidas-Arendal. Secretaria de Gestão do Meio Ambiente. **Mude o hábito**: um guia da ONU para a neutralidade climática. Noruega: PNUMA/GRID-Arendal, 2010. 203 p. Disponível em: <http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/mudehab_web.pdf>. Acesso em: 29 out. 2015.

O Trabalho como Linguagem: o Gênero do Trabalho. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Revisão de **Tomaz Tadeu da Silva** a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988. PP. 28-50.). Tradução por **Guacira Lopes Louro**.

SILVA, M. G. et al. Publicações que utilizaram o grupo focal como técnica de pesquisa: o que elas nos ensinam? **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 2, n. 12, abr./jun. 2013, pp. 398-406. Maringá: UEM, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/9194/pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

SOUZA-LOBO, Elisabeth, **A Classe Operária tem Dois Sexos: Trabalho, Dominação e Resistência**. São Paulo, Brasiliense /SMC, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOMÈZ, C. M. ; MINAYO, M. C. de S. **ENFOQUE ECOSISTÊMICO DE SAÚDE: UMA ESTRATÉGIA TRANSDISCIPLINAR**. INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente - v.1, n.1, Art 1, ago 2006.

MAX-NEEF, M.; ELIZALDE, A.; HOPENHAYN, M. **Desenvolvimento à escala humana**. Blumenau: Edifurb. 2012.